

Imagens domésticas da mulher em Grécia e Roma antigas: os casos da κούρη no *Econômico* de Xenofonte e da *uilica* no *De agri cultura* catoniano

Matheus Trevizam

Professor de Latim da FALE-UFMG
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

Introdução:

A literatura antiga, tal qual produzida entre os gregos e romanos sob condicionamentos históricos e compositivos variáveis com o tempo (e os lugares), manteve-se, em que pese à riqueza de suas formas e sentidos, em geral refratária a grandes inovações no tocante ao acato às chamadas “leis de gêneros”. Mencionamos o conhecido mecanismo estruturador segundo o qual sempre se buscou tomar como parâmetro para a composição de obras os exemplos práticos (textos literários) ou preceitos de mestres do passado cujas lições conviessem aos vindouros segundo suas necessidades específicas: pois não conviria a um Virgílio, escrevendo sua *Eneida* nos limiares da era cristã, remeter-se ao exemplo dos líricos gregos anteriores com vistas à obtenção de modelos;¹ *mutatis mutandis*, a Marcial, de que lhe valeria recorrer à *Eneida* para retirar da épica os traços indispensáveis à maquinaria epigramática?

Ora, habituados à preceituação horaciana (ou aristotélica), por outro lado, como deixar de ter em mente as recomendações de tal autor sobre a necessidade da escrita de textos harmonizados consigo mesmos no ponto do perfeito “encaixe” de todas as partes? De fato, segundo passagens da *Epístola aos Pisões*,² compete ao criador saber dar corpo às obras não como quem procede ao acaso, mas sim intentado que a uma métrica grave calhem assuntos graves e a uma ligeira assuntos ligeiros, bem como, a cada par assim estabelecido, respectivamente personagens mais significativas e “modestas”...

Assim, para o tipo humano tomado como matéria dessas reflexões, ou seja, a mulher antiga no âmbito mais “discreto” da vida social, seria indecoroso imiscuí-lo ao

¹ O grande referencial de Virgílio para a composição da *Eneida* são, indubitavelmente, os poemas homéricos (*Iliada* e *Odisséia*). Cf. de VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. **Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio**. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001, p. 191ss.

² Cf. ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 55: *Suponhamos que um pintor entendesse de ligar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo, ajuntar membros de toda procedência e cobri-los de penas variegadas, de sorte que a figura, de mulher formosa em cima, acabasse num hediondo peixe preto; entrados para ver o quadro, meus amigos, vocês conteriam o riso? Creiam-me, Pisões, bem parecido com um quadro assim seria um livro onde se fantasiassem formas sem consistência, quais sonhos de enfermo, de maneira que o pé e a cabeça não se combinassem num ser uno.*

quadro das grandes deusas, soberanas ou meras cortesãs dos demais gêneros a acolherem, em Grécia e Roma antigas, representações do feminino. Trata-se, ao contrário do que se poderia precipitadamente imaginar, não só de uma questão de eventual incompatibilidade de níveis representativos (como se pretendêssemos focalizar com destaque a figura de algum cativo ou “dona de casa” numa tragédia grega – e as personagens de que passaremos a ocupar-nos em seguida correspondem a uma ou outra dessas categorias humanas!), mas ainda da discordância entre “espelhos” da vida a produzirem, enfim, imagens desconexas, mesmo quando capturam os “mesmos” objetos.

Basta, segundo a metáfora empregada há pouco, imaginarmos as diferentes visões antepostas aos que observassem um único objeto (seu próprio corpo) nos sucessivos pontos de uma sala a abrigar espelhos com distintos graus de curvatura: invariavelmente, segundo as qualidades físicas de tais refletores, ver-se-iam deformados para corresponder ao que pudessem oferecer-lhes como “retrato”. Isso significa que o critério da seletividade não é suficiente para explicar o fenômeno representativo da arte clássica a que aludimos aqui, pois, independentemente de alguns textos “negarem-se”, de fato, a refletir tipos humanos precisos (caso das comédias com as figuras de reis),³ mesmo os que refletem realidades “idênticas” jamais o fazem sem variações.

Pela conjunção de ambos os fatores, pois, parece-nos que olhar para o feminino por intermédio do “filtro” identificado com os recursos expressivos do diálogo (gênero a que corresponde a obra de Xenofonte considerada) e de um despretenso manual (caso do *De agri cultura*) significa um modo muito específico de acesso a esse âmbito da experiência antiga. Afinal, diante do desaparecimento, em todos os aspectos, daquele mundo que evocam, como não vislumbrar nas portas que nos abrem com alguma franqueza uma oportunidade de contato menos estilizada com tais personagens do mundo social?

Com isso, não acolhemos sem críticas a ingênua idéia da possibilidade de quaisquer discursos veicularem um conteúdo como se, apenas, retirassem os temas do mundo para apresentá-los de maneira “neutra” (em vez de interpretá-los): a experiência

³ Cf. HORÁCIO, *op. cit.*, p. 61: *Quem concorreu com uma tragédia ao prêmio barato dum bode, pouco depois também pôs em cena, despidos, os agrestes sátiros e rudemente, sem abandono da gravidade, tentou o cômico, porque tinha de ser retido por atrações e novidades agradáveis um espectador que acabava de sacrificar, avinhado e desmoderado. Mas a apresentação dos sátiros galhofeiros e mordazes e a mudança em cômico dum espetáculo sério convém que não redundem, por uma linguagem achavascada, na transferência de qualquer deus ou herói, há pouco visto vestido de ouro e púrpura, para escuras tavernas; nem o façam, para evitar o chão, agarrar-se às nuvens e ao vazio.*

revela, afinal, que deparamos sempre construtos, mesmo quando se tem a mais viva impressão de uma espécie de “decalque” da vida por intermédio textual.⁴ Ocorre, porém, que certos gêneros antigos tendem a reforçar alguns estereótipos dos tipos humanos representados, fazendo com que a visão de seu espectro de possibilidades fique muito prejudicada:⁵ enquanto as tragédias e a épica ressaltam, por exemplo, a seriedade de personagens a agirem para o bem ou para o mal (tenha-se em mente as implicações dos gestos de uma Medéia⁶ diante da traição de Jasão ou da astuta fidelidade de uma Penélope⁷), evitando incorporar a seu mundo mulheres “levianas”, a comédia nova, contando com o repertório de grotescas *personae* fixas como meio de obtenção do riso, intensifica, tantas vezes, os tons morais ligeiros de suas protagonistas e coadjuvantes, de modo a se obterem contínuas atualizações de vícios (perfidia, avidez, inconseqüência ao falar e agir...)⁸.

Os textos diante dos quais nos vemos ao abordar o *Econômico* e o *De agri cultura*, no entanto, parecem furtar-se, enquanto representações, a tais “excessos” num e noutro extremo justamente por se tratar de obras destinadas à apresentação de modelos de conduta. Dito diversamente, constituíram-se ambos, às suas maneiras, em obras “instrutivas”⁹ para o público grego ou romano coevo, de forma que não se conceberia,

⁴ Mesmo a mais crua das construções textuais, uma descrição minuciosa, por exemplo, jamais poderia repor um objeto ou oferecer uma idéia “objetiva” do mesmo. Pois, para um homem alto e habituado a viver entre os altos, alguém de estatura mediana seria “baixo”; mas, para um pigmeu, esse “baixo” poderia perfeitamente ser descrito como “alto”.

⁵ Visão semelhante parece abraçar Zelia A. Cardoso ao problematizar, em esclarecedor artigo, as chances de acesso à realidade histórica factual da mulher romana por meio dos documentos literários antigos (sobretudo os mais convencionais, a exemplo do *corpus* da epopéia, da tragédia, da elegia erótica romana, da sátira...): *A literatura cristalizou e congelou alguns tipos. Deformando os modelos, certamente. Construindo imagens provavelmente bastante distantes da realidade* [cf. CARDOSO, Zelia de Almeida. A representação da mulher na poesia latina. In: **Amor, desejo e poder na Antigüidade**. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 279].

⁶ Medéia, personagem mítica e das peças homônimas de Eurípides e Sêneca, chegou ao extremo de assassinar os próprios filhos para vingar-se do companheiro (Jasão) que a traíra para casar-se com outra mulher; era uma princesa e feiticeira proveniente do reino bárbaro da Cólquida, além de neta do Sol.

⁷ Cf. HOMERO. **Odisséia**. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 21: *Entre outros ardis, imaginou em seu âmagô o seguinte. Instalado em seus aposentos um grande tear, pôs-se a tecer um pano delicado e demasiado longo e daí nos disse: “Moços, pretendentes meus, visto como morreu o divino Odisseu, pacientai em vosso ardor pela minha mão, até eu terminar a peça, para que não se desperdice o meu urdume; é uma mortalha para o bravo Laertes, para quando o prostrar o triste destino da dolorosa morte, a fim de que nenhuma das aquéias do país se indigne comigo por jazer sem um sudário quem possuiu tantos haveres.” Assim disse ela e nosso altivo coração deixou-se persuadir. Daí, de dia ia tecendo a sua trama imensa; de noite, mandava acender as tochas e a desfazia. Assim, por três anos trouxe enganados os aqueus, sem que o notassem (canto II).*

⁸ Cf. GRIMAL, Pierre. **La littérature latine**. Paris: Fayard, 1994, p. 94: *Le monde des courtisanes, que nous propose ce théâtre, est conforme à l'idée, peu favorable, que s'en faisaient les contemporains de Ménandre. On les disait avides, incapables d'aimer, et totalement dépourvues de sens moral. Il n'existe pas de bonne courtisane, amait-on à répéter. Plaute se fait l'écho de ces idées reçues.*

⁹ O *Econômico* de Xenofonte é um texto complexo pela própria intromissão inusitada de Sócrates no tema banal da boa administração dos assuntos familiares. Assim, não faltam sequer os que lhe neguem propósitos de oferecer qualquer instrução prática sobre o tema (cf. STEVENS, John A. Friendship and

apesar de nos remeterem, de certo modo, a “ideais” femininos, serem figurações complexas de todo estranhas aos contextos sociais em que interagiram seus autores. Pois, se assim fosse, como transpor a pura fantasia ao seio da vivência diária de homens e mulheres a demandarem, nesses casos, pontos de apoio técnico para um comportamento minimamente eficaz do ponto de vista da harmonia e funcionalidade de cada um dos espaços (o οἶκος¹⁰ grego e o *fundus* romano) mostrados?

Dessa maneira, com o prosseguimento das análises, buscaremos apontar de que maneira essas obras, contrapondo-se a muito da cerrada “estilização” representativa dos demais gêneros literários antigos quanto à vida social de gregos e romanos (em função mesmo dos condicionamentos a que se viram restritos por força de integrarem um panorama artístico com as características a que aludimos acima), fraqueiam-nos mundos até certo ponto inexplorados pelos filólogos. Referimo-nos ao espaço vital das mulheres a trabalharem, a aprenderem, a compartilharem de si com os companheiros ou outras personagens da vida “doméstica” através da poderosa concretude dos gestos diários: longe de se confundirem com banalidades, como se verá em seguida, tais faces do feminino contribuem de maneira decisiva para a ordem de cada domínio familiar em questão e, no contraste com seus correlatos tipificado nas zonas da literatura mais bem acatadas artisticamente, oferecem-nos ao olhar “retratos” sem demasiados retoques.

Análise:

De início, é preciso compreender a imagem da esposa, tal qual traçada por Iscômaco nas páginas do *Econômico* (já que se trata, nesse diálogo, de conceder a voz a tal personagem, correspondente a um rico ateniense do século V a.C., a fim de que informe a Sócrates os motivos de sua boa reputação na Cidade), sob certas perspectivas sociais caras à época enfocada. Como se tem em geral descrito, não se esperava para as atenienses de família “respeitável” que devessem atuar no dia-a-dia em espaços alheios

profit in Xenophon's *Oeconomicus*. In: **The Socratic movement**. Ithaca/ London: Cornell University Press, 1994, p. 214ss.). Sem desviar a questão para esse lado, propomos apenas, por ora, lê-lo segundo a letra do texto, pela qual se depreende o interesse do filósofo em saber como se dão as medidas práticas na casa do “mestre” de “economia” (Iscômaco), e a plausibilidade de que isso pudesse resultar informativo para um público de proprietários afins a essa última personagem. O *De agri cultura*, por sua vez, identifica-se com uma tentativa “didática” de exposição da vida nas propriedades rurais latinas, os *fundi rustici* (cf. Grimal, *op. cit.*, p. 118-119).

¹⁰ O conhecido dicionário grego-francês de Bailly (cf. BAILLY, Anatole. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 1950), por exemplo, oferece para a entrada lexical correspondente a οἶκος sentidos como “maison”, “habitation”, “chambre”, “salle à manger”, “temple”, mas ainda “train de maison”, “biens”, “propriétés”, “avoir” e “famille”, “race”. Como se nota, então, o termo opõe-se à palavra οἰκία (“casa”) pela maior extensão semântica e por abranger dimensões da vida do homem livre alheias à esfera pública e às meras posses materiais.

à οἰκία:¹¹ ratificando-se a plena dignidade de sua permanência contínua nela, intentou-se, portanto, circunscrevê-las a um ambiente doméstico, em que exercessem o essencial¹² de sua cidadania (correspondente aos papéis de mães, filhas e esposas de cidadãos) sem precisar confrontar-se diretamente com o mundo.

Tal quadro justifica o “retrato” traçado com palavras por Iscômaco para sua esposa (aliás, nunca nomeada ou por demais personalizada em momento algum do *Econômico*) sob a marca de alguém apta para bem portar-se em casa (Xenofonte, VII 4). Segundo nos informam os conteúdos do diálogo, isso significaria ramificar a própria conduta em duas direções distintas, embora complementares: pois, se é preciso, por um lado, que a mulher seja laboriosa e responsável pelo perfeito andamento prático da οἰκία (e, num sentido específico, do próprio οἶκος),¹³ não há que se omitir a moral como guardiã do valor feminino e, conseqüentemente, daquele de seus gestos no âmbito em pauta.

Nesse sentido, proporíamos a qualidade da modéstia (ou mesmo do pudor) como, no panorama comportamental esboçado por Xenofonte, um dos fundamentos da eficácia feminina ao realizar os fazeres domésticos. Tudo se passa como se, na falta desses atributos, a κῦρια se visse perigosamente posta no caminho do vício (de modo a não atingir de todo o ideal previsto) e, ainda, ocupada em atividades a roubarem-lhe energias indispensáveis às tarefas do lar.

Uma passagem como aquela das conseqüências da repreensão de Iscômaco à esposa por apresentar-se, certo dia, maquiada em excesso e extravagantemente vestida,

¹¹ Cf. FUNARI, Pedro P. A. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 43: *Em todas as fases da vida, havia muitas diferenças entre homens e mulheres da Grécia Antiga. As mulheres gregas abastadas viviam separadas dos homens em cômodos diferentes reservados a elas dentro da casa, chamados de gineceus, onde ficavam confinadas a maior parte do tempo. As mansões da elite eram divididas em duas partes, masculina e feminina. As meninas também pouco contato tinham com os meninos depois da primeira infância, como mandava a “boa educação”.*

¹² Não há que se esquecer, apesar da prevalência da vida feminina “dos muros para dentro”, que as circunstâncias de celebrações religiosas na *pólis* eram momentos para a participação *central* das cidadãs no seio da esfera comum. Note-se, por exemplo, o caso das Tesmofórias, prestigiosas comemorações outonais de fertilidade, realizadas em várias cidades gregas pelas mães de família em honra da deusa agrícola Deméter: *Uma vez por ano, durante três dias, o “povo das mulheres” ocupa o espaço político, abandonado pelos homens que não têm assento nem nos tribunais nem no Conselho. As mulheres ocuparam o seu lugar e reúnem-se em assembléia no templo das duas deusas, situado exactamente em Pnix, a colina onde normalmente se realiza a Assembléia. É de notar que as mulheres que Aristófanes faz falar invocam Atena na sua dimensão cívica – “a guardiã da nossa cidade” – em nome da sua própria função de demo. Elas “representam” a cidade em nome da qual falam* [cf. Z Aidman, Louise B. As filhas de Pandora: mulheres e rituais nas cidades. In: **História das mulheres no Ocidente**. Trad. de Alberto Couto *et alii*. Lisboa: Afrontamento, s.d. Vol. I, p. 428].

¹³ Cf. *ultra* p. 7-8.

dá o tom dessa espécie de coerção moral necessária ao equilíbrio coordenado de um dos eixos básicos do οἶκος (Xenofonte, X 9-10):

Τὶ οὖν πρὸς θεῶν, ἔφην ἐγὼ, πρὸς ταῦτα ἀπεκρίνατο; Τί δέ, ἔφη, εἰ μὴ τ οὐ γέλοιποῦ τοιοῦτον μὲν οὐδὲν πώποτε ἔτι ἐπραγματεύσατο, καθαρὰν δὲ καὶ πρεπόντως ἔχουσαν ἐπειράτο ἑαυτὴν ἐπιδεικνύουσα. καὶ ἐμὲ μὲν τοι ἡρώτα εἴ τι ἔχοιμι συμβουλεύουσα ὡς ἂν τῷ ὄντι καλὴ φαίνοιτο, ἀλλὰ μὴ μόνον δοκοίη. καὶ ἐγὼ μέντοι, ὦ Σώκρατες, ἔφη, συνεβούλευον αὐτῇ μὴ δουλικῶς ἀεὶ καθῆσθαι, ἀλλὰ σὺν τοῖς θεοῖς πειράσθαι δεσποτικῶς πρὸς μὲν τὸν ἴστον προσστᾶσαν ὅτι μὲν βέλτιον ἄλλου ἐπίστατο ἐπιδιδάξαι, ὅτι δὲ χεῖρον ἐπιμαθεῖν, ἐπισκέψασθαι δὲ καὶ σιτοποιόν, παραστῆναι δὲ καὶ ἀπομετρούσῃ τῇ ταμίᾳ, περιελθεῖν δ' ἐπισκοπούμενην καὶ εἰ κατὰ χώραν ἔχει ἢ δεῖ ἕκαστα.

“Que então, pelos deuses,” dizia eu, “respondeu a isso?” “O quê?”, dizia, “nada exceto que no futuro não mais fez algo assim e tentou mostrar-se ‘ao natural’ e bem posta. Mas perguntava-me se eu podia aconselhar de algum modo como ela se mostraria bela em si, e não só de aparência. Eu, ó Sócrates,” disse, “aconselhava a ela que não como uma escrava permanecesse sempre sentada, mas com a ajuda dos deuses buscasse, à maneira de uma senhora (de pé diante da trama), mostrar o que soubesse mais do que os outros e aprender o que soubesse menos; que observasse, além disso, a padeira, ficasse ao lado da governanta a medir as partes e circulasse examinando se cada coisa estava no lugar onde é preciso.”¹⁴

Adereços excessivos como o carmim, o pó para a face e sapatos altos apresentam o inconveniente, segundo Iscômaco, de falsearem o corpo e (por que não?) o *ser* da esposa diante de ninguém menos do que seu marido (Xenofonte, X 7-8); além disso, a atenta dedicação da jovem mulher a tais hábitos de beleza no interior da οἰκία teria com conseqüência o mau emprego do tempo não apenas em algo “fútil” mas ainda, pelo motivo visto, “danoso” aos costumes. Entende-se, portanto, por que Iscômaco intenta desviá-la de continuar agindo dessa maneira, valendo-se para tanto de uma franca conversa em que lhe lembra o acordo matrimonial e a necessidade, para aqueles unidos sob tais laços, de tudo partilharem *honestamente* um com o outro, inclusive seus corpos (Xenofonte, X 4).

Note-se que o direcionamento “educativo” dado por ele para a questão valeu-se de um pequeno deslize da κύρια como oportunidade para a adequada reestruturação dos parâmetros de comportamento em sua mente. Pois, segundo a passagem transcrita, a real beleza da mulher não consistiria nos enfeites de uma cortesã, mas num *modus*

¹⁴ Minha tradução.

operandi votado por inteiro a intentos de progresso doméstico: assim, a diligência diante dos teares, à cata de informações ou de quem delas precisasse e na vistoria criteriosa de criados ou objetos de posse familiar revestir-se-ia, a partir de então, de atributos condizentes com os de um fator responsável por fazer aflorar todo seu potencial “estético”.

Convém ter em mente que uma passagem como essa expõe a constituição psíquica da mulher sob colorações que não se podem, em absoluto, dizer redutoras: afinal, trata-se de alguém, segundo os parâmetros estabelecidos por seu marido, a agir “mal” (embora sem excessiva gravidade ou intenção de ferir) e, simultaneamente, capaz de envergonhar-se do erro e tornar à “correta” via. Isso tudo mantém relações históricas com os próprios destinos da mulher numa sociedade como a da Atenas clássica, em que, como sabemos,¹⁵ a natural desembocadura da vida de todas as moças livres era o matrimônio precoce com alguém considerado digno por sua família: tão logo chegava a puberdade, pois, as adolescentes viam-se cedidas a outro homem (em geral, bem mais maduro) que não seu pai, a fim de lhe gerarem os filhos e assumirem as demais obrigações inerentes ao papel de mulheres recém-casadas (a exemplo mesmo das atividades laboriosas elencadas acima).

Em tais circunstâncias, conforme nos indica o próprio texto do *Econômico*, não seria de admirar a relativa inexperiência da esposa de Iscômaco no trato com a casa, os criados, o marido e consigo mesma no novo contexto interacional em que se vê inserida. Prevendo-lhe as hesitações, por sinal, bem como ciente da “inocência” devida à idade, o marido dispõe-se a finalizar a educação até então recebida por ela na casa de seus pais (Xenofonte, VII 11ss) e mostra-se brando ao corrigir, de modo que jamais transparecem nas páginas desse diálogo quaisquer indícios de violências cometidas contra a esposa. Em retomada, portanto, do que dissemos acima ao propor certas qualidades da mulher enquanto fundamentos de seu sucesso como κύρια comprometida com o bom andamento da rotina na casa do marido, dir-se-ia que os castigos não são, de fato, esperados para quem se conscientiza das próprias responsabilidades e pode valer-se do discernimento (prévio ou recém-adquirido) com vistas à obtenção de parâmetros para agir como convém.

No entanto, quais seriam, de forma exata, as responsabilidades da esposa no contexto do οἶκος, segundo abrangentemente tratado na obra de Xenofonte? O autor,

¹⁵ Cf. FUNARI, *op. cit.*, 2001, p. 45: *A garota costumava casar-se na puberdade, após alguns ritos de iniciação.*

dando vida à personagem de Iscômaco, como vimos, fizera-o expor a Sócrates as razões de sua fama de gentil-homem em Atenas. Ela se devia, é importante esclarecer, ao fato de que, comportando-se com zelo em sua vida pública e particular, sabia, por exemplo, dedicar-se e socorrer os amigos e a *pólis* em casos de carências materiais ou de outros tipos, mostrar-se ágil de corpo e mente e obter das posses familiares (sendo que aquelas aludidas nas páginas do diálogo são os escravos, as terras de cultivo e uma casa) o suficiente para continuar digno de sua posição de destaque no cenário comum. Esses últimos benefícios, porém, jamais poderiam manter-se caso ele não contasse com uma importante colaboradora na figura de sua esposa: ocorre que, segundo certo mecanismo “divino” exposto (de distribuição harmoniosa das tarefas cabíveis no *ὄϊκος* ao homem ou à mulher – VII 20ss), compete-lhe bater-se no mundo externo à casa onde reside com a família a fim de garantir a aquisição dos bens materiais, enquanto cabe à esposa, e somente a ela, tornar-se ciosa guardiã dos mesmos a partir do momento em que cruzam as portas de entrada para o ambiente doméstico. Iscômaco recorre, inclusive, a motivações de ordem física e psicológica para reforçar suas idéias a respeito dos “adequados” modos de agir, identificados com tais tarefas sexualmente distribuídas: menos robusta (e vinculada à geração e cuidado das crianças), a mulher seria mais propensa ao receio por não ter tantos meios físicos de defesa e guardar consigo um bem tão precioso quanto a garantia de continuidade da raça humana; ao mesmo tempo, inclinar-se-ia ainda a repelir os perigos pela atenção detida ao mundo e prevenindo-se mais do que remediando; esses fatores, assim, torná-la-iam apta para vigilante (dos filhos ou riquezas) no resguardo do lar. O homem, por sua vez, “desligado” emocionalmente dos filhos e vigoroso sob o aspecto biológico, não teria de recuar expor-se a desafios em meio aberto (já que conta com boas chances de defesa caso seja preciso recorrer à força), correspondendo as atividades adequadas à sua natureza à guerra ou à agricultura.

Desse modo, mantendo-se fiel não só aos efetivos usos sociais de sua época no tocante a esse tema, mas também à ideologia que usa para justificar-se diante de uma esposa a ser instruída, Iscômaco faz com que ela, no contexto da “economia”, ou seja, da prática de manejo racional dos bens particulares com vistas à honradez e prosperidade dos senhores, encaixe-se no posto mais bem adaptado a seu quinhão “natural”. Em termos práticos, corresponder a isso significaria, segundo a rotina estabelecida desde então para essa mulher, permanecer em casa não como quem

descansa ou, conforme temos explicado, vota-se a futilidades, mas antes encarregar-se atenta de tarefas miúdas (supervisão de criados, preparação de têxteis e alimentos, organização de espaços e utensílios, atendimento às solicitações do marido...) às quais se deve atribuir nada menos do que o destino final dos esforços de Iscômaco.

Pois, entende-se, caso ele fosse bem sucedido em obter os bens para uso da família, mas não houvesse quem lhes garantisse a permanência ou a racionalização no espaço vital identificado, por excelência, com o refúgio de um homem e de suas mais caras posses (a casa), de que valeria esforçar-se tanto? Tal quadro equivaleria a uma espécie de frustrada tentativa de encher com água um vaso perfurado, no sentido de que os recursos insistentemente trazidos para ele com vistas à garantia de reservas e prosperidade, com toda certeza, em nada resultariam exceto em estafar o provedor sem reais benefícios para ninguém...

Sobre a inserção da mulher no contexto desta obra, por fim, é importante ressaltar, como anunciamos acima, a “falta de pejo” de Xenofonte em retratá-la sob um enfoque despido de excepcionalidade, no sentido de que seus gestos e preocupações no interior do mundo onde se move correspondem, por definição, ao corriqueiro. Em nada, portanto, tais faces da pacata vida da κούρια poder-se-iam equiparar aos atos extremos das grandes heroínas trágicas (Medéia,¹⁶ Hécuba¹⁷...), à ousadia das amantes dos líricos latinos (Cíntia,¹⁸ Lésbia...¹⁹) ou à maliciosa astúcia das cortesãs cômicas (*Gymnasium*, *Syra*...),²⁰ tendo em vista a necessidade da exacerbação de atributos pessoais, em todos esses casos, para que se viessem a produzir os atos associáveis a tais caracterizações.

¹⁶ Cf. *supra* nota 6.

¹⁷ Hécuba, personagem trágica de Sêneca e Eurípides, é a rainha de Tróia a assistir à violentíssima queda de todo seu mundo (cf. SÊNECA. **As troianas**. Trad. de Zelia A. Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 35: *Cessam as vossas lamentações? Ó povo meu, ó escravas, lacerai o peito com as mãos, chorai e fazei algo digno de Tróia.*).

¹⁸ Cíntia é a ousada amante fictícia do poeta romano Sexto Propércio em sua coletânea de poemas; caracteriza-se pela volúpia, beleza e futilidade extremas [cf. NERY, Maria Luiza, NOVAK, Maria da Glória (org.). **Poesia lírica latina**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 145: *Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que me enfeitiçou/ (infeliz, não tocado anteriormente por nenhuma [forma de paixão])/ O Amor, então, abateu-me o brilho da firme altivez,/ dominou minha cabeça, calcando os pés sobre ela/ e ao mesmo tempo me ensinou, falso que é,/ a ter ódio das moças honestas e a viver sem pensar.* – trad. da primeira elegia erótica do *monobiblos* properciano por Zelia A. Cardoso].

¹⁹ Lésbia é a amada fictícia do poeta romano Gaio Valério Catulo; da mesma forma que uma amante elegiaca como Cíntia, caracteriza-se por cativar inteiramente o apaixonado (cf. NERY, NOVAK, *op. cit.*, p. 33: *Lésbia é formosa não só porque é inteiramente [belíssima,/ mas porque de todos arrebatou sozinho todos os [encantos.* – trad. do poema 86 de Catulo por Lauro Mistura).

²⁰ Cf. GRIMAL, *op. cit.*, p. 94: *Tout le début de la “Cistellaria” (la Comédie de la Corbeille) est occupé par une conversation entre des courtisanes, Gymnasie et Sélénie, en présence de la vieille Syra, mère de la première, et servant d’entremetteuse à sa fille. (...) Ces femmes y parlent à coeur ouvert, et, tandis que Gymnasie et Syra affirment qu’une courtisane digne de ce nom ne doit jamais connaître l’amour, Sélénie avoue qu’elle est amoureuse du seul homme qu’elle ait jamais connu, le jeune Alcésimarque, et elle souffre, parce que le père de celui-ci veut le marier “bourgeoisement”.*

Com isso, pretendemos evidenciar o fato de que, conforme buscamos estabelecer, um gênero como o diálogo (surgido e consolidado na Grécia com alguns antecessores imediatos de Xenofonte, por sinal),²¹ não só se permitiu acolher personagens “despretensiosas” do tipo da jovem esposa de um rico ateniense mas ainda, ao fazê-lo, procedeu à sua maneira, ou seja, aproveitando-se de sua estrutura para dar vazão sobretudo ao tratamento referencial de temas passíveis de serem assimilados por quem desejasse regrar “economicamente”, no sentido antigo do termo, a própria vida; esse é, por exemplo, o caso de Critóbulo, primeiro interlocutor de Sócrates neste texto e ignorante dos modos de comportar-se no dia-a-dia a fim de garantir a própria segurança e equilíbrio num plano concernente apenas à rotina e ao cuidado de seus bens...

Ainda, sem enrijecer-se em demasiada adesão a uma única linha de conduta, a personagem da esposa revela-se até certo ponto nuançada: como vimos, em que pese às naturais hesitações imputáveis à juventude, ela se mostra, enfim, capaz de assumir o domínio da casa (de uma forma, aliás, segundo o grau das exigências de Iscômaco, não desprovida de complexidade). Acrescente-se a esse mesmo tópico a multiplicidade dos fatores a exigirem serem coordenados por bem do perfeito andamento da vida no interior da parte dos domínios familiares que lhe foi confiada (por oposição à chefia, sobretudo, agrária do esposo nas terras suburbanas possuídas – XI 14ss), contando-se neles seus gestos para consigo mesma, para com o marido e os criados, as tarefas materiais a que ela se dedica diretamente, as obrigações de comando ou outros pontos eventuais e ter-se-á uma idéia do nível de destreza a que ela se viu obrigada para sair-se bem no exercício do encargo.

Por outro lado, do ponto de vista estritamente moral, não se tem para ela o esboço de uma personalidade de todo acabada (como se, num extremo, isso fosse possível para qualquer ser humano!): trata-se, até certo ponto, de alguém em fase de maturação, passível de aprender sem pena, receber boas ou más influências e amoldar-se a pessoas e situações com a flexibilidade de quem ainda não atingiu uma fase da vida hermética a quaisquer mudanças. Nisso, por sinal, consistia uma das “vantagens” do casamento com moças precocemente conduzidas às núpcias entre os atenienses do momento histórico considerado: ocorre, com efeito, que a imaturidade das esposas acarretava consideráveis chances de que houvesse poucos atritos entre os cônjuges,

²¹ Cf. KAHN, Charles. **Plato and the Socratic dialogue**. Cambridge: University Press, 1998, p. 33: *We know very little about the format of Antisthenes' Socratic dialogues, but I suspect that he provided the model for Xenophon's introduction of himself in the first person, a device that we do not find in Aeschines or Plato.*

devido, pode-se imaginar, a um fator como a dependência psicológica em relação ao marido de uma mulher fragilizada pela mudança do ambiente, com a saída definitiva da casa paterna e o início de uma existência, em tantos pontos, distinta.²²

Desse modo, poder-se-ia dizer que o relativo “esmaecer” constitutivo da esposa de Iscômaco diante de tantas mulheres marcantes da literatura em Grécia e Roma antigas (já que se trata, aqui, de um exemplo viável a ser seguido por quaisquer “ouvintes” interessados no justo “preenchimento” do mesmo espaço vital por ela ocupado, talvez) é como que compensado pela maior credibilidade de sua “estatura” e caracterização. Em outras palavras, esse perfil de mulher, devido aos horizontes de “focalização” e escala propiciados pelo gênero dialógico, bem como, não se deve deixar de dizer, ao sucesso de Xenofonte em esboçar sutil as nuances do modelo almejado, sustenta-se, em suas modestas dimensões, exatamente por colocar-se com sucesso no espaço cabível, sem grandes anseios de fazer-se notório através da exacerbação de traços definidores para além do que, em geral, poder-se-ia associar como meta às esposas abastadas na Atenas coeva.

Que se passa com a *uilica* no *De agri cultura* catoniano, por sua vez? Em pronunciado contraste com o detalhado retrato da esposa sob efeito da descrição de Iscômaco, notamos o empobrecimento do que o texto do escritor latino tem a oferecer-nos neste tópico. Pois, num mundo de todo masculino (o “cenário” onde ela se encaixa como companheira do homem corresponde a um *fundus rusticus* do século II a.C., espaço de produção intensiva de azeite e vinho sob impulso da mão-de-obra escrava), cabe-lhe apenas revelar-se com discrição num único capítulo breve do manual (CXLIII).

Vemo-nos, assim, confrontados em linhas muito gerais com a companheira do intendente-chefe de terras de cultivo possuídas por um senhor quase sempre ausente. Não se trata, por esse motivo, de alguém correspondente ponto por ponto à figura abordada da esposa na obra grega vista: são, ela e o *uilicus*, meros cativos a desfrutarem de alguma relevância modesta nas circunscrições do *fundus* em razão de que ele se encontra “desertado” pelos donos.

Referimo-nos, aqui, a fenômenos sócio-econômicos vinculados à decisiva expansão de Roma sobre o mundo exterior à Península Itálica na fase próxima à ruína de Cartago, com a terceira Guerra Púnica (146 a.C.). Então, o alargamento de

²² Cf. FUNARI, *op. cit.*, 2001, p. 45: *A menina, com seus 12 a 13 anos, ao casar, passava à posição de dona da casa. O marido, com seus 35 a quarenta anos de idade, já era um homem experiente, que havia combatido no exército, e que iria, na verdade, não apenas ser o marido como o professor da esposa, que tudo aprendia com ele. A começar, naturalmente, pela administração da casa.*

horizontes propiciado pelo ganho do espaço comercial da antiga inimiga no Mediterrâneo, pelo afluxo de uma grande massa de cativos dos países vencidos e pela própria necessidade do emprego das forças das elites senatoriais (as tradicionais detentoras das mais férteis paragens em solo itálico) em outros fazeres determinou que os proprietários abastados, por um lado, intensificassem as culturas arbóreas citadas com vistas ao lucro e, por outro, viessem retirar-se, em muitos casos, para as cidades romanas recém-tornadas centros de influência mundial.²³

Isso justifica que “protagonistas” (o *uilicus* e a *uilica*) e “coadjuvantes” (os trabalhadores de fato incorporados pela posse à *familia rustica* ou escravaria do senhor, bem como os jornaleiros e operários de empreitada a agirem sazonalmente nas terras) se identifiquem neste caso quase sempre com pessoas de condição servil, excetuando-se a eventual interferência de homens livres empobrecidos a venderem a própria força de trabalho em tal ambiente²⁴ e o *dominus* em visitas espaçadas para inteirar-se da contabilidade (Catão, II).

A mudança dos tempos, porém, deixou vago um espaço humano no interior dos *fundi rustici* sem destruí-lo por inteiro: referimo-nos à antiga detenção da autoridade, do ponto de vista moral e prático, pelo casal de proprietários das terras *a residir no campo* e a zelar em pessoa pelo andamento dos trabalhos no comando da prole e de uns poucos cativos.²⁵ Tratou-se, portanto, com a absorção dos dias dos proprietários pela vida urbana, de substituir o *pater* e a *mater familias* pelas figuras funcionalmente aproximadas do *uilicus* e da *uilica*.

No tocante às funções e características associáveis ao *uilicus*, tem-se um escravo especializado na “administração” (mesmo financeira) dos negócios rurais do senhor e, ao mesmo tempo, capaz de coordenar a lida do cultivo e da produção local dos itens alimentícios dele provenientes, prevendo-se mesmo que saiba e possa interferir materialmente nesses trabalhos (Catão, V). Note-se, curiosamente, que a descrição oferecida para ele mantém pontos de contato não só com a rotina velha dos *domini* romanos mas ainda, a propósito do *Econômico* de Xenofonte, com algumas atribuições

²³ Cf. TREVIZAM, Matheus. **Linguagem e interpretação na literatura agrária latina**. Tese de doutoramento inédita apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do IEL-UNICAMP como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Lingüística na área de Letras Clássicas-Latim. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006, p. 19.

²⁴ Cf. MARCONE, A. **Storia dell'agricoltura romana**. Roma: NIS, 1997, p. 135.

²⁵ Cf. ROBERT, Jean-Noël. **La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine**. Paris: “Les Belles Lettres”, 1985, p. 14: *La Ville alors n'existait guère: ses habitants étaient des campagnards. Les grands chefs de la jeune république travaillaient leur lopin de terre. On venait les y chercher pour défendre le pays. Ils passaient de la charrue au pouvoir suprême et en étaient fiers.*

de Iscômaco, também apresentado, como vimos, nos termos de um respeitável dono de terras a delegar a supervisão da οἰκία à esposa a fim de ocupar-se, até certo ponto, do treino e acompanhamento de escravos em sua propriedade contígua a Atenas (Xenofonte, XI 14ss).

Ora, similarmente, embora ambos se ocupem de afazeres no campo, sua companheira equipara-se *em parte* à *domina* romana e à κύρια ateniense no ponto de suas ocupações no interior de espaços sempre identificáveis, de algum modo, com uma casa. Pois a *uilla* onde se estabelece a sede das terras de cultivo, no sentido do local de morada do escravo-chefe e de mero pernoite para os demais cativos excetuando-se a *uilica*, é um local posto sob custódia dessa última a fim de que desempenhe a parte feminina das tarefas rurais e, dentro de seus limites, contribua para regrá-lo:

Rem diuinam faciat neue mandet qui pro ea faciat iniussu domini aut dominae: scito dominum pro tota familia rem diuinam facere. Munda siet: uillam conuersam mundeque habeat; focum purum circumuersum cotidie, priusquam cubitum eat, habeat. Kal., Idibus, Nonis, festus dies cum erit, coronam in focum indat, per eosdemque dies Lari familiari pro copia supplicet. Cibum tibi et familiae curet uti coctum habeat; gallinas multas et oua uti habeat; pira arida, sorua, ficos, uuas passas, sorua in sapa et pira et uuas in doliis et mala struthea, uuas in uinaceis et in urceis in terra obrutas et nuces Praenestinas recentes in urceo in terra obrutas habeat; mala Scantiana in doliis et alia quae condi solent et siluatica, haec omnia quotannis diligenter uti condita habeat. Farinam bonam et far suptile sciat facere.

Que não realize sacrifícios nem mande que outros os façam em seu lugar sem ordens do senhor ou da senhora. Que saiba que o senhor é responsável pelos sacrifícios por todos os de casa. Que seja limpa; que mantenha a sede varrida e com asseio; que mantenha a lareira diariamente limpa e varrida, antes de deitar-se. Nas calendas, idos, nonas e dias de festa, que ponha uma coroa sobre a lareira e nos mesmos dias suplique ao Lar familiar conforme suas posses. Que ela se ocupe de cozinhar o alimento para ti e os de casa. Que tenha à sua disposição muitas galinhas, ovos, pêras secas, sorvas, figos, passas, sorvas em vinho reduzido, pêras, uvas e marmelos estrútiis em *dolia*,²⁶ uvas em seu próprio bagaço e armazenadas em potes enterrados e nozes prenestinas frescas armazenadas num pote enterrado. Maçãs escancianas em *dolia*, de outros tipos comumente utilizados em conserva e silvestres: que tenha isso tudo anualmente conservado com cuidado. Que saiba fazer uma boa farinha e farro bem moído.²⁷

De acordo com a simplicidade da vida no *fundus*, caracterizando-se quase sempre como um espaço de trabalho bruto onde interagem, bem o vimos, sobretudo cativos, a rotina da *uilla rustica* também é parca, faltando aqui, por exemplo, os objetos

²⁶ *Dolia* eram grandes recipientes bojudos de cerâmica e sem alças, usados para a armazenagem do vinho ou outros produtos nas propriedades rurais romanas (cf. FUNARI, Pedro P. A. **Considerazioni sull'anfora e la terminologia latina dei vasi recipienti**. Barcelona: Centro de Estudios Clásicos/ Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, 2000, p. 107).

²⁷ Minha tradução.

de valor às vezes encontrados na casa de Iscômaco (Xenofonte, IX 3) e, ao que tudo indica, quaisquer confortos supérfluos. Recomenda-se basicamente, então, que a *uilica* faça pequenas oferendas sob as condições especiais descritas acima, mantenha a limpeza do ambiente doméstico e, por fim, encarregue-se do preparo de alguns alimentos como as conservas de frutos, a farinha e o farro. Além disso, ela trabalha sem haver a menção a quaisquer auxiliares (sendo que a ateniense contava com todo um conjunto de criados a servi-la em casa)²⁸ e, por outro lado, ressalta-se o aspecto da eficácia de suas atitudes, sem tantos espaços para desenvolvimentos “educativos” ou morais enquanto se encarrega da rotina “interna”.

Embora não se possa negar que, agindo com ou sem zelo, uma mulher como a *uilica* se tornaria uma escrava melhor ou pior para o *dominus* (e o mesmo, *mutatis mutandis*, enquanto servidora do “marido”), é fundamental entender que a reificação decorrente de seu próprio papel de cativa põe-lhe num plano secundário o fator moral: independentemente de ser, de fato, “boa” ou “má”, cabe a ela zelar sem subterfúgios pelo bom cumprimento de suas modestas obrigações. Mesmo do ponto de vista religioso, trata-se de algo, quanto ao que lhe compete segundo vemos acima, vinculado ao simples desempenho de tarefas em mais um dos domínios da vida rústica...

Não pretendemos, aqui, esvaziá-la por completo de humanidade para propor-lhe a consideração sob um viés de todo mecânico, mas tão somente fazer atentar, no autoritário panorama interacional imposto aos homens pelo contexto do empreendimento agrícola (e comercial) catoniano, a prevalência do que é produtivo sobre quaisquer outros fatores. Assim, a “secura” do tom dos preceitos (de resto, a rigor direcionados ao *uilicus*, diante do grave empecilho representado pelo provável analfabetismo da *uilica*) já favorece pensar na imediata apropriação de diretrizes por aqueles encarregados de agir no *fundus rusticus* como alvo central da “mensagem” do *De agri cultura*, evitando-se maiores “personalismos”.

Por fim, seria talvez de interesse, na contraposição a zonas representacionais distintas, focalizar-lhe esse papel de peça laboriosamente funcional na concretude da rotina agrícola: os demais gêneros antigos a admitirem escravos em interação no mundo (tragédia, comédia, epopéia, elegia erótica romana...) tendiam a desviar-se da demasiada ênfase em tal face da vida dos cativos. Então, segundo os ditames compositivos inerentes a cada um, havia com frequência na comédia nova a imagem dos criados sob a

²⁸ Cf. *supra* p. 6.

marca da astúcia e de gestos desencadeadores de mudanças inesperadas na trama,²⁹ podiam transparecer na tragédia e na epopéia envolvimentos emocionais dos mesmos com os sérios conflitos deparados pelos senhores³⁰ e a elegia erótica romana não os excluía de participar das experiências amorosas³¹ dos amos...

Não se trata de negar que, de algum modo, “trabalhassem” (isto é, se ocupassem de servir) mesmo em tais produções, mas sim de mostrar-lhes, por um lado, o relativo relaxamento no confronto com as perspectivas dos cativos catonianos, sejam eles quais forem, e, por outro, o reforço de traços pessoais distintos: assim, a figura do escravo astuto em Plauto tratava, ao menos em aparência, de fazer as vontades do patrão, mas isso significava às vezes reverter as situações em proveito de interesses alheios aos dele.³² Nesse sentido, a *persona* cômica aderiu-lhe com força sobre a face, privilegiando-se imperiosamente atitudes rendosas à obtenção da comicidade e de lances favoráveis ao andamento movimentado das peças.

Mutatis mutandis, uma Euricléia a comover-se com o reconhecimento de Ulisses por uma cicatriz característica ao lavar-lhe os pés furta-se ao mero papel de humilde criada palaciana para revestir-se de uma aura inegavelmente nobilitadora: as lágrimas que derrama, por sinal, constituem o indício de sua fidelidade àquele que criara ao peito na infância, apesar dos vinte longos anos de sua ausência no mar.³³ Parece-nos, nesse caso, que a elevação representativa da épica (referimo-nos à *Odisséia* homérica) contamina mesmo os cativos, tornando, de uma maneira ou outra, todos os homens vis ou louváveis segundo a natureza de suas atitudes, e jamais frivolamente medíocres. Em tal mecanismo épico (eventualmente trágico, nos textos da categoria) de gravidade de caráter, pois, propomos o aflorar do convencionalismo desse gênero, a que se devem

²⁹ Cf. GRIMAL, *op. cit.*, p. 99 (a propósito da peça *Aulularia* de Plauto): *Un vieil homme, Euclion, a découvert dans sa maison une marmite pleine d'or; (...) un esclave de Lyconide dérobe sa précieuse marmite.*

³⁰ Cf. *supra* nota 17.

³¹ Cf. comentário de Shea sobre a elegia 9 do livro I de Álbio Tibulo, em que o *puer delicatus* (jovem amante escravo) do apaixonado o abandona em troca de presentes: *The poet has discovered that his favorite, Marathus, is having an affair with another man. The rival is old and ugly (...) but also rich and powerful, and it is with his wealth that he has stolen the boy away* (cf. SHEA, George W. **Delia and Nemesis: the elegies of Albius Tibullus**. Lanhan: University Press of America, 1998, p. 75).

³² No *Miles Gloriosus* plautino, assim, o criado de Pírgopolinices, um covarde falador, afeta admirá-lo, mas na verdade tudo faz para retirar-lhe a concubina em prol do senhor a quem pertencera antes e que lhe agrada de fato (cf. GRIMAL, *op. cit.*, p. 96).

³³ Cf. HOMERO, *op. cit.*, p. 232: *Quando a velha Euricléia segurou a perna na concha da mão, reconheceu a cicatriz pelo tato e largou o pé; a perna bateu na bacia, o bronze ressoou e logo entornou para um lado, derramando a água no chão. Alegria e dor apossaram-se juntas de sua alma; os olhos encheram-se de lágrimas e a força de sua voz se embargou. Tocou, porém, no queixo de Odisseu e disse: “Tu és, não há dúvida, Odisseu, meu amado filho; eu só te pude reconhecer depois de tocar todo o corpo de meu amo”* (canto XIX).

remeter quaisquer tentativas de alçamento do humano a níveis representativos mais sérios.

Em ambas as ocorrências, atente-se, então, para a “moldagem” das figuras de escravos segundo determinações que, se não culminam sempre no reducionismo dos estereótipos (haja vista o que julgamos corresponder à face convincente dos contornos de uma Euricléia na *Odisséia!*), foram decididamente impostas de antemão pelo que cada gênero, mais ou menos grave, pôde acolher ou, tendo acolhido, obteve em termos do acabamento final ao qual submeteu cada personagem assimilada. Dessa maneira, por “pobre” que seja a caracterização da *uilica* e, ao contrário da esposa de Iscômaco no *Econômico*, “monoliticamente” definida pela própria estreiteza de uma perspectiva a requerê-la para peça da rude engrenagem operacional do *fundus rusticus*, ela não corresponde, em absoluto, a uma figura “livresca”: seu retrato, a delinear-se nas páginas do *De agri cultura*, põe-nos em contato com uma representação bastante próxima, nos termos do que temos descrito, das condições de vida dos escravos rurais latinos na fase histórica de expansão imperialista evocada.

Resumo:

Nem sempre os textos “literários” antigos se prestam a oferecer ao pesquisador parâmetros seguros para a apreensão mais precisa da realidade social em Grécia e Roma: fatores como o convencionalismo representacional das personagens, a exclusão completa de alguns tipos humanos de seus limites e enfoques muito específicos ao abordá-los contribuem, assim, para a opacidade da maioria deles. Essa dificuldade parece menor, no entanto, quando nos vemos diante de obras como o *Econômico* de Xenofonte e o *De agri cultura* de Catão Censor, em razão mesmo de que são textos vinculados à vida prática no interior dos domínios privados do homem antigo (o *ὄικος* grego e o *fundus rusticus* romano) e poderiam, por outro lado, passar da preceituação teórica para a experiência concreta de homens e mulheres. Assim, busca-se neste trabalho ao mesmo tempo apresentar-lhes tal condição “privilegiada” e explorar por seu intermédio o tema do cotidiano da mulher em cada espaço considerado.

Palavras-chave: gêneros literários; documentação histórica; vida doméstica da mulher em Grécia e Roma antigas.

Résumé:

Les textes littéraires anciens ne se prêtent pas toujours à offrir aux chercheurs des paramètres sûrs pour une vision plus précise de la réalité sociale en Grèce et à Rome: des facteurs comme le conventionnalisme représentationnel des personnages, l'exclusion complète de quelques types humains de leurs limites et des approches trop spécifiques dans leurs traitements contribuent, donc, à l'opacité de la majorité d'eux. Cette difficulté nous semble pourtant plus petite lorsque nous nous voyons en face d'ouvrages comme *L'Économique* de Xénophon et le *De agri cultura* de Caton Censeur, en raison même du fait qu'ils sont des textes en contact avec la vie pratique à l'intérieur des domaines privés de l'homme ancien (l'οἶκος grec et le *fundus rusticus* romain) et pourraient, d'ailleurs, passer de la préceptuation théorique à l'expérience "réelle" des hommes et des femmes. On attend alors, dans ce travail, en même temps leur présenter cette condition privilégiée et explorer par ses moyens le thème de la vie quotidienne de la femme à chaque espace considéré.

Mots-clés: genres littéraires; documentation historique; vie domestique de la femme en Grèce et à Rome.

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAILLY, Anatole. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 1950.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. A representação da mulher na poesia latina. In: **Amor, desejo e poder na Antigüidade**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- CATON. **De l'agriculture**. Trad. de Raoul Goujard. Paris: "Les Belles Lettres", 1975.
- FUNARI, Pedro P. A. **Considerazioni sull'anfora e la terminologia latina dei vasi recipienti**. Barcelona: Centro de Estudios Clásicos/ Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, 2000.
- _____. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.
- GRIMAL, Pierre. **La littérature latine**. Paris: Fayard, 1994.
- HOMERO. **Odisséia**. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1993.
- KAHN, Charles. **Plato and the Socratic dialogue**. Cambridge: University Press, 1998.
- MARCONE, A. **Storia dell'agricoltura romana**. Roma: NIS, 1997.

- NERY, Maria Luiza, NOVAK, Maria da Glória. (org.). **Poesia lírica latina**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ROBERT, Jean-Noël. **La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine**. Paris: “Les Belles Lettres”, 1985.
- SÊNECA. **As troianas**. Trad. de Zelia A. Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SHEA, George W. **Delia and Nemesis: the elegies of Albius Tibullus**. Lanhan: University Press of America, 1998.
- STEVENS, John A. Friendship and profit in Xenophon's *Oeconomicus*. In: **The Socratic movement**. Ithaca/ London: Cornell University Press, 1994.
- TREVIZAM, Matheus. **Linguagem e interpretação na literatura agrária latina**. Tese de doutoramento inédita apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do IEL-UNICAMP como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Lingüística na área de Letras Clássicas-Latim. Campinas: IEL-UNICAMP, 2006.
- de VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. **Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio**. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001.
- XENOPHON. **Oeconomicus**. A commentary with a new English translation by Sarah B. Pomeroy. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- ZAIDMAN, Louise B. As filhas de Pandora: mulheres e rituais nas cidades. In: **História das mulheres no Ocidente**. Trad. de Alberto Couto *et alii*. Lisboa: Afrontamento, s.d. Vol. I.